



NEGROS NO FUTEBOL BRASILEIRO: OLHARES E EXPERIÊNCIAS DE DOIS EX-ATLETAS

*Marcel Diego Tonini*¹
Universidade de São Paulo

O texto a seguir é parte da pesquisa de mestrado em andamento “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”, cujo objetivo principal é estudar o negro em suas manifestações sociais no futebol ao longo das últimas quatro décadas. Utilizando os procedimentos metodológicos da história oral, realizei entrevistas gravadas com determinados negros que atuam ou atuaram profissionalmente no universo do nosso futebol, e, em seguida, transformo o código oral em escrito, visando registrar, analisar e relacionar as narrativas coletadas. Dentre as redes de colaboradores deste projeto, selecionei dois jogadores para apresentar trechos das entrevistas que realizei com Bizi e Junior.²

Nascido na cidade de São Paulo (SP) em 17 de maio de 1955, Carlos Roberto Bento vem de família humilde e, desde a infância, teve de trabalhar para ajudar na renda familiar. Foi nesta fase de sua vida que sua irmã mais velha começou a chamá-lo de Bizi e o apelido foi usado por toda a sua carreira profissional. Quando ainda estava no dente-de-leite, ele foi escolhido por Pelé como garoto revelação desta categoria no ano de 1969. Contudo, isto não foi suficiente para que Bizi tivesse uma oportunidade em um clube grande de São Paulo e, com muito esforço, ele conseguiu profissionalizar-se no Clube Atlético Juventus, agremiação na qual permaneceu por longos 17 anos. Assim que encerrou a sua carreira como atleta em 1993, ele iniciou a de treinador e trabalhou em diversos clubes por aproximadamente dez anos. Atualmente, é professor de educação física em escolinhas franqueadas e na Associação Craques de Sempre, vinculada à prefeitura paulistana.

Desde que conversamos pela primeira vez em julho de 2008, Bizi identificou-se completamente com o projeto, uma vez que sempre sonhara em registrar a sua carreira. Em decorrência disto, realizamos três longas entrevistas, chegando a oito horas de gravação. Além da sua simplicidade e da sua religiosidade, um sentimento ambivalente deu o tom ao longo de sua narrativa: a alegria e o ressentimento. A alegria por ter aprendido muito com o futebol e por ter se tornado um jogador profissional. O ressentimento por não ter tido chances de atuar em um clube grande e por não ter feito, como ele disse, a sua “independência financeira”. As

três entrevistas ocorreram na sala do apartamento onde mora, no bairro da Mooca. O texto final foi conferido e autorizado por ele em 9 de maio de 2009.

Leovegildo Lins Gama Junior, mais conhecido por Junior, nasceu em 29 de junho de 1954 na cidade de João Pessoa (PB). De origem abastada, ele mudou-se junto com a sua família para o Rio de Janeiro ainda quando era criança. Jogando na praia de Copacabana, Junior tomou gosto pelo futebol e almejou a profissionalização. Após um período de incertezas na fase amadora, ele conseguiu integrar a categoria de base do Clube de Regatas Flamengo no ano de 1974, por onde teve uma excelente passagem que o levou à seleção brasileira e ao futebol italiano. Encerrou sua carreira como jogador pelo próprio Flamengo em 1993. Foi, também, treinador neste clube por duas oportunidades e teve uma rápida passagem pelo Corinthians. Desde 1995, trabalha como comentarista de futebol em emissoras de televisão.

Junior foi a mim indicado pelo jornalista Celso Unzelte. Através de contato por e-mail e por telefone, expliquei a pesquisa que venho desenvolvendo e ele interessou-se em participar. A entrevista foi realizada numa segunda-feira à tarde, dia 7 de julho de 2008, em um dos dormitórios do apartamento de seus pais, no bairro de Copacabana. Sentindo-se à vontade, Junior narrou cronologicamente a sua vida por mais de uma hora e meia. Em maio deste ano, ele conferiu e autorizou o texto resultante da entrevista para publicação.

Ao elaborar uma síntese das carreiras profissionais dos dois colaboradores e ao informar algumas situações relevantes do caderno de campo, o meu intuito é possibilitar ao leitor uma visão ampla que auxilie na compreensão dos trechos a seguir. Primeiramente, apresento três temas recorrentes nas duas narrativas coletadas e, na sequência, faço alguns breves comentários.

Importância da família

Bizi

E a família da minha esposa me adotou. Minha sogra, Dona Isabel, – eu costumo falar pra todos – é minha segunda mãe. É minha mãe branca. Ela, meus cunhados, meus sobrinhos, todos valorizam muito o meu esforço, a minha dedicação, a minha disposição para ajudar as pessoas e fazer alguma coisa por elas. Isso me dá uma alegria! Porque, infelizmente na minha carreira como atleta, eu não ganhei dinheiro. Não tive condições de comprar um imóvel ou dar uma casa pros meus pais. Não realizei esse sonho. Não porque eu não quis, mas porque não tive condições, não tive oportunidade... Mas, sempre fui esforçado e nunca me acomodei. Isso eles viram em mim! [...] A minha mãe, Dona Terezinha, e a minha esposa, Claudete, são as duas pessoas mais importantes da minha vida! Então, tenho uma família muito carinhosa, sincera, compreensível, que se preocupa comigo. Muitíssimo preocupada mesmo! Porque eles sabem da dificuldade que é o meio em que eu trabalho. Nem todos têm sorte, né?... Temos problemas, é claro, mas não existe família perfeita. Dificuldades

a gente sempre tem, né!? Só que a gente tem um respeito, uma admiração, uma torcida um pelo outro, sabe? Todos torcem por mim, na minha profissão, no meu trabalho. E a recíproca é verdadeira. Isso é muito bom! [...] Mas, nesses momentos [difíceis], família é fundamental! Esse é um ponto queee... supera tudo! Família é tudo na vida da gente... [...] Graças a Deus, tenho uma família bem estruturada – não digo financeiramente, mas em termos de educação e valores – e que sempre me apoiou moralmente. Minha família é a base de tudo! E tenho da onde me sustentar. Não dependo do futebol graças a Deus!

Junior

A união da família sempre foi a base de tudo. Um ajudando o outro. Como diz a minha mãe:

— Quem tem mais ajuda o que tem menos.

Foi assim que as coisas foram evoluindo na verdade... A família nordestina é muito rígida, né? Respeitar os outros, os mais velhos. Naquela época, ainda se dizia:

— Bença, mãe. Bença, pai.

Hoje, aqui no sudeste, dificilmente você vê as crianças pedindo a bença. Mas, não deixam de respeitar também. Eu acho que o respeito não era somente por isso, né?

Comentários

Embora tenham vindo e sejam de classes sociais distintas, Bizi e Junior destacaram a importância da família na educação e na formação dos valores pessoais. Se Bizi chegou a afirmar em outro trecho que “jamais” se esqueceria das suas origens – fala repetida nas narrativas de outros colaboradores –, Junior recordou as tradições nordestinas, tanto por parte de mãe como por parte de pai, e os pilares da sua educação familiar: união, rigidez e respeito. A partir disto, o ex-atleta rubro-negro constata uma dupla diferença educacional: das pessoas da região sudeste frente às do nordeste; e dos jovens de hoje frente à sua geração. Bizi, por sua vez, também identificou os valores assimilados: determinação, solidariedade, respeito, consideração e companheirismo. O apoio familiar nos momentos iniciais e difíceis das carreiras profissionais dos entrevistados, sobretudo para o ex-atleta juventino, também se fez notar. A família é vista como um porto seguro, um alicerce ou, para usar uma expressão presente nas duas narrativas, “a base de tudo”.

Superação e insistência

Bizi

Fiquei longe do futebol por mais um ano... Até que apareceu um colega meu, o Édson, que morava no Carrão e era profissional do Juventus na época. Nunca me esqueci dele porque foi uma pessoa que me ajudou e me incentivou muito quando cheguei no clube. Por várias vezes, ele me convidou pra ir fazer um teste por lá. Argumentava que eu ainda tava na idade e que deveria tentar. De tanto insistir, um dia falei:

— Ah, tá bom, vai. Eu vou então.

Sabe quando uma pessoa insiste com você e você faz o que ela pede só pra não chatear ela? Foi isso. Passei no teste e fui ficando, subindo as categorias... Cheguei no Juventus com 15 anos e só saí com 33 anos. Foram 17 anos no clube.

Junior

Uns seis meses depois, teve um outro dirigente, que morava e vinha sempre aqui, o Mozart Di Giorgio, da CBD na época:

— Junior, eu sou muito amigo do pessoal do Fluminense, sou conselheiro... Você tem que jogar, pô! Você joga bem. – e seguiu falando.

— Pô, Mozart! Você sabe como é que funciona isso, né cara? Esse negócio é meio complicado.

Mas, ele insistiu:

— Ah, vamo lá, vamo lá! Eu sou amigo dos caras.

— Então, tá bom.

E fui fazer o teste no juvenil. [...] Foi exatamente no futebol de praia que um amigo de vôlei do meu tio falou assim:

— Porra, Aloísio! – que era o meu tio, irmão da minha mãe – Por que que o Junior não tá jogando? Ele joga tão bem... – aquelas histórias de sempre, né? – Eu sou amigo do Modesto Bria, lá do Flamengo. – o seu Bria foi um antigo jogador da década de 50, tricampeão pelo Flamengo.

Depois, ele veio falar comigo sobre isso e eu disse:

— Pô, Napoleão! Eu já tive lá... já joguei salão. Mas agora eu tô estudando, vou começar a fazer vestibular...

— Não! Não pode desistir, não. Vamo lá comigo. – insistiu.

— Tá bom.

Na verdade, eu fui muito mais por causa da amizade que ele tinha com o meu tio... Isso foi em junho de 73.

Comentários

Embora, na visão de ambos os colaboradores, o dom para a prática futebolística seja fundamental para a profissionalização como atleta, isto não foi suficiente para que eles conseguissem se inserir neste mercado de trabalho. O que reforça a tese de Arlei Damo (2007), qual seja, a de que somente o dom não é suficiente para o sucesso profissional na carreira de futebolista. Para além dos inúmeros concorrentes, os dois entrevistados tiveram que superar vários obstáculos e dificuldades: frustração por não vingarem logo nos primeiros testes; na experiência de Bizi, ser enganado por um dirigente; falta de uma ajuda de custo (sobretudo para Bizi que precisava trabalhar para ajudar na renda familiar); troca de posição (Bizi saiu da ponta-direita para a lateral esquerda e Junior da meia-esquerda para a lateral esquerda); dedicação intensa e privações ligadas principalmente à vida social. Em virtude destes motivos, a insistência e o reconhecimento dos outros com relação ao talento “natural” deles foram cruciais para que continuassem lutando pela profissionalização, como podemos notar nas suas narrativas.

Dificuldades na carreira de treinador

Bizi

Como também já ouvi diferente, de um empresário – não vou nem citar o nome – que assumiu uma equipe e me mandou embora porque não era treinador de esquema... [...] O fato de ser despedido não aconteceu só dessa vez, mas, nessa equipe, foi a principal porque teve o lado racial. Das outras, não. Já fui mandado embora com dois jogos. É normal! Natural! Por isso que eu falo: essa profissão de treinador é muuuito complicada. Não é só aqui no Brasil, não. A gente vive muito de resultados. [...] Já trabalhei em clube que a diretoria não dava alimentação pros atletas. [...] Nunca discuti e nem me envolvi em confusão com jogador. Com dirigente então, muito menos. Só que eu costumo falar que dirigentes são todos iguais! Todos eles calçam 40! Lógico, há exceções nesse meio? Há. Mas, são pouquíssimas exceções! Tudo isso foi um aprendizado, serviu pra mim abrir os olhos e ver que a carreira de treinador é muito desgastante. [...] Vou contar uma outra situação que aconteceu tantas vezes comigo: eu estava trabalhando em alguns clubes e outros treinadores ligavam se oferecendo pra ficar no meu lugar por menos do que ganhava. Isso acontece até hoje! É que a gente não fica sabendo. Aí, volto a falar: que ética? Existe ética? Eu acho que em nenhuma profissão existe ética! O que existe é o seu trabalho, a sua capacidade, né? [...] A gente cansa de ver dirigente, presidente, esse pessoal que fica na parte burocrática, roubando, dando desfalque em clubes, e fica por isso mesmo. Os mais prejudicados, na minha opinião, são aqueles que trabalham dentro do campo: treinador, comissão técnica, jogadores... Tudo isso acaba estourando dentro do campo, nas mãos daqueles que trabalham dia-a-dia, embaixo de sol, de chuva, no frio, que enfrentam viagens, más condições de trabalho... Por isso que ser treinador é uma profissão ingrata! [...] Mas, foi um aprendizado bom. Me fez cair na realidade porque ser treinador de futebol aqui no Brasil é muito difícil! Muuuito difícil!...

Junior

Não era da minha cabeça ser treinador, apesar de achar que poderia ter feito uma carreira até legal. Mas... eu quero viver! E treinador ele não vive. Pô! Acabava o treino, todo mundo ia pra casa, ficava eu, com meu auxiliar, com o preparador físico, com o supervisor, planejando – entendeu? – uma série de coisa:

— Porra! E se o cara não sei que, e se o cara...

Quer dizer, a gente tá sempre na dependência dos outros! Você não depende do seu trabalho. Isso é conversa... É pelos outros! O cara treina de segunda a sábado. Treina de manhã e, depois, vai almoçar em casa pra concentrar às cinco da tarde. Aí, o cara briga com a mulher. Tudo aquilo que passou durante a semana acabou! Não dá!

— Junior, eu tô com um problema com a minha mulher.

E daí? Como é que vai resolver isso? Não resolve... Então, quer dizer, precisa gostar muito dessa vida. E não era o que eu tinha planejado. [...] Trabalho de campo, na verdade, é fácil. Difícil é você criar harmonia no grupo. [...] Administrar ego, administrar vaidade... pô! Essas figuras dos procuradores que fazem a cabeça dos garotos. Botam até palavra na boca deles... É difícil você gerir tudo isso. Precisa gostar ou, então, tá precisando de dinheiro... No Corinthians, me venderam um peixe que, na verdade, não ia acontecer...

Comentários

Bizi e Junior identificaram uma série de dificuldades enfrentadas pelos treinadores de futebol: intromissão dos dirigentes dos clubes; racismo; pouco tempo para trabalhar e mostrar resultados; más condições de trabalho; falta de ética por parte dos companheiros de profissão; má gestão e questões familiares trazendo consequências para o trabalho da comissão técnica;

administração do relacionamento entre os jogadores, e ser enganado por dirigentes. Enquanto Junior foi treinador em três oportunidades e assumiu tal cargo em clubes grandes (Flamengo e Corinthians), Bizi atuou nesta função por mais de dez anos e treinou inúmeros clubes pequenos, principalmente da região metropolitana de São Paulo. Estas diferenças explicam as distintas experiências dos dois ex-atletas. Junior, por exemplo, enfrentou problemas de relacionamento entre os seus jogadores; já Bizi teve de lidar com atletas mal nutridos. No entanto, nas duas narrativas, registram-se promessas não cumpridas por dirigentes: Bizi em sua experiência como treinador do Auto-Esporte (PB) e Junior no Corinthians. Ambos veem que a realidade desta profissão é muito difícil no Brasil.

Considerações finais

Grande parte da riqueza da história oral está justamente em possibilitar o registro de histórias e memórias de pessoas comuns, tais como: mulheres, refugiados, imigrantes, negros etc.. Os pensamentos e os sentimentos dos entrevistados colocam-se no centro da análise e dão acesso a um conjunto de elementos objetivos e subjetivos (imprecisões, omissões, mentiras, intenções, sonhos, silêncios, etc.) que não é encontrado nas fontes tradicionais e que só recentemente vem sendo contemplado pela historiografia. Dentro desse processo, a história de vida apresenta-se como um instrumento privilegiado.

Para a elaboração deste texto, selecionei trechos das narrativas de dois ex-atletas negros que abrangem os seguintes temas: importância da família, superação e insistência, e dificuldades na carreira de treinador. Embora Bizi e Junior tenham tido vidas e carreiras distintas, nota-se que ambos abordaram espontaneamente os mesmos pontos e revelaram quais as suas visões e as suas experiências. As dificuldades enfrentadas por eles, quer na experiência de futebolista, quer na de treinador, evidenciam quão restrito é o universo profissional do futebol brasileiro, ainda mais se tratando deste período atual, o qual é pouquíssimo estudado pelas pesquisas acadêmicas. Isto visto sob a ótica dos negros tem um realce maior, uma vez que eles são vistos socialmente como “bons de bola”.

Notas

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela UNESP e mestrando em História Social pela USP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Membro do Núcleo de Estudos em História Oral e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol, ambos vinculados a USP.

² Colaborador é o termo usado para se referir ao entrevistado, a quem é dado o direito de participar ativamente da pesquisa.

Referências bibliográficas

- DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GORDON JÚNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, EDUERJ, n. 3/4, p. 65-78, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.
- LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 24, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, n. 14, fev. 1997.
- SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de gol**. Buenos Aires: CLACSO, abr. 2000.
- SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça. **Cadernos PAGU**, Campinas, n. 6-7, p. 109-152, 1996.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.